

Fabiana de Paula Martelotte

O ESPAÇO DO SENSÍVEL:

Uma construção cotidiana em aulas de Arte

Rio de Janeiro, RJ

2025

Fabiana de Paula Martelotte

O ESPAÇO DO SENSÍVEL:

Uma construção cotidiana em aulas de Arte

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Professora Dra. Camila Nagem Marques Vieira

Rio de Janeiro, RJ

2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M376 Martelotte, Fabiana de Paula

O espaço do sensível : uma construção cotidiana em aulas de arte /
Fabiana de Paula Martelotte. - Rio de Janeiro, 2025.

29 f.

Produto educacional de Especialização apresentado como Trabalho
de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais –
EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Camila Nagem Marques Vieira.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Sensibilidade. 3. Criatividade.
4. Sequência didática. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Fabiana de Paula Martelotte

O ESPAÇO DO SENSÍVEL:
Uma construção cotidiana em aulas de Arte

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em:

20/05/2025

BANCA EXAMINADORA

Dr^a. Camila Nagem Marques Vieira (orientadora)
Colégio Pedro II – DAV
Especialização em Ensino de Artes Visuais (EEAV-CPII)

Ms. Érika Machado Njaimé
Colégio Pedro II – DAV
Especialização em Ensino de Artes Visuais (EEAV-CPII)

Ms. Arthur Batista Cordeiro
Colégio Pedro II – DAV

Rio de Janeiro, RJ

2025

Para a Fabiana criança, que cresceu com adultos estimulando sua sensibilidade e criatividade, desenhando, criando brinquedos, ouvindo passarinhos, explorando o quintal, mexendo em plantas, percebendo as miudezas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Criador por sua criação sensível.

A todas as pessoas que contribuíram com sua própria sensibilidade durante toda a minha vida para que, durante o Curso de Especialização, esse trabalho surgisse e ganhasse forma.

Aos alunos que pude encontrar durante as aulas de Arte e que tanto me ensinam e estimulam encontros. Aos colegas de profissão que caminharam junto.

Agradeço o incentivo e apoio da minha professora orientadora, que dividiu emoções e desafios.

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros *etc.* Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

(Manoel de Barros, 2010)

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma sequência didática idealizada a partir do desejo de estruturar um fio condutor para a abertura de um espaço do sensível em aulas de Arte com alunos que frequentam a Educação Infantil. Entende que as aulas de Arte são um terreno propício para que as experimentações sensíveis sejam vivenciadas, desde que se afastem de padronizações que limitam e restringem a criação. O espaço do sensível é entendido como possibilidade para promover uma troca mais ativa entre os alunos no processo de aprendizagem, viabilizando descobertas que são, muitas vezes, reprimidas. O propósito é estruturar um diálogo que possibilite a criatividade e espontaneidade dos alunos durante os encontros, a partir da proposta de atividades inspiradas em obras do poeta brasileiro Manoel de Barros. Um produto pedagógico que busca o espaço do sensível, esse ambiente de experiência estética com objetivo de romper com os reforços padronizados vividos em muitos ambientes escolares.

Palavras-chave: espaço do sensível; sensibilidade; criatividade; ensino de artes visuais; sequência didática.

ABSTRACT

This study presents a didactic sequence designed to establish a guiding thread for opening a space of sensitivity in Art classes with early childhood education students. It assumes that Art classes provide a fertile ground for sensitive experimentation, as long as they move away from standardized practices that limit and constrain creativity. The “sensitive space” is understood as a possibility to foster a more active exchange among students within the learning process, enabling discoveries that are often suppressed. The aim is to build a dialogue that encourages students’ creativity and spontaneity during classroom encounters, through activities inspired by the works of Brazilian poet Manoel de Barros. The pedagogical product seeks to construct this sensitive space as an aesthetic experience environment, with the purpose of breaking away from the standardized reinforcements common in many school settings.

Keywords: sensitive space; sensitivity; creativity; visual arts education; didactic sequence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	JUSTIFICATIVA	11
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA	13
3	DESENVOLVIMENTO	17
4	CONCLUSÃO	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Artes Visuais é compreendido por muitos como um momento de busca pelo belo ou um exercício de manualidades. Atividades pontuais que estimulam padrões, que fogem da criação correspondente à faixa etária, que direcionam pouco tempo para observação e reflexão e execuções com pouca abertura à intenção individual do aluno. Um grande acúmulo de papéis coloridos, canetinhas, tintas e pincéis. Moldes, cópias de contornos que remetem a obras de arte de artistas famosos. Objetos criados próximos a lembranças de festas infantis, parecendo recém-saídas de uma linha de produção industrial.

Este ambiente escolar, com sua dinâmica pautada em uma aprendizagem que instrumentaliza e mecaniza o trabalho artístico, visando um padrão estético e buscando o resultado em avaliações, gera uma formação que molda os fazeres também para esse objetivo. As potencialidades próprias do ser humano, sua riqueza fruto da diversidade, é invisibilizada. A construção do conhecimento acontece em um ritmo ágil, com pouco respiro, ausente de espaço autêntico para a criação e para a divergência. Faltam períodos de escuta ativa, para as delicadezas, os interesses dos alunos, as curiosidades.

Contudo, se cenas assim são frequentes no ambiente escolar como um todo, a aula de Arte deveria ser, essencialmente, uma oportunidade oposta à essas abordagens padronizadas. A percepção dessas realidades possibilita que novas construções emergjam e que neste trabalho emerja o termo “espaço do sensível” fruto de minhas elaborações como educadora e aqui apresentado. Mas o que seria o conceito espaço do sensível?

O ensino de arte se mostra preocupado com resultados que são, muitas vezes, meras reproduções. Essa repetição, ausente de reflexão, ocupa o tempo da aula e não permite que espaços verdadeiramente criativos sejam experienciados. Como possibilitar aulas de Artes que privilegiem o sensível?

1.1 JUSTIFICATIVA

O ponto inicial para essa pesquisa está nas experiências vividas por mim a partir de uma sequência de atividades elaboradas com turmas da Educação Infantil. A partir da poesia de Manoel de Barros, apresentei versões musicadas de seus versos e, com base em elementos que eram citados, produções artísticas nasceram. Uma sequência didática simples, mas que possibilitou de maneira diferente a elaboração do que hoje entendo como o espaço do sensível. Houve tempo para ouvir, perceber semelhanças entre a natureza da poesia e do bosque da escola. Tempo para escolher formas e materiais que eram considerados

interessantes para o que estava sendo criado. Tempo para aprender a letra das músicas e seguir cantando enquanto criava ou andava com a turma.

Ao estar como professora em uma sala de Artes do ensino formal, percebi um desejo latente de trazer para a rotina escolar a multiplicidade de experiências que vivi anteriormente como educadora em ambientes não-formais. Pensar maneiras para manter a dinâmica criativa em uma rotina mais estrita, com tempos rápidos, mas ainda suscetível a momentos de ampla riqueza estética.

Fayga (*apud* Ostrower, 1998: 248), abordando sobre criatividade, afirma que “o sensível e o intelectual se reforçando mutuamente, a sensibilidade abrindo caminhos para novos pensamentos e o pensamento estruturando emoções”. A imagem de um espaço do sensível aproxima-se dessa dinâmica: uma abertura que possibilita o florescimento de novidades, partilha, elaboração. É um convite para subjetividades que se mesclam com informações técnicas, uma troca permanente de percepções e descobertas.

Em um texto sobre relações da pedagogia e a arte, Ana Mae Barbosa (2021: 207) afirma que “o prazer é muito importante: aprender a ter prazer com a arte, com o contato, a compreensão, a contaminação, a intimidade das artes amplia a capacidade de viver com mais intensidade.” Cabe ainda lembrar que entre as seis dimensões de conhecimento propostas pela BNCC encontramos a fruição. Mas, como fruir sem tempo, sem disponibilidade? Essa vivência é constituída de processos valiosos, ricos em potencialidades que precisam ser enfatizados pedagogicamente. Ainda em seu texto, Ana Mae relaciona arte e prazer de saborear, o que claramente requer tempo.

[...] que a obra de arte deve ser saboreada, que requer para isto uma concentração de significados que advém de sua complexidade. A obra para ter qualidade estética deve ter o poder de sumarizar múltiplos significados. Daí se conclui que uma obra de arte de significado único, evidentemente percebido à primeira olhada, não tem a qualidade estética de saboreio para o espectador. Ele a deglute de imediato. O saboreio advém do poder de sumarizar da obra, da sua condensação, que implica a possibilidade de o observador exercitar sua capacidade de criar múltiplas interpretações. A arte exige hoje do espectador flexibilidade para compreender e avaliar uma multiplicidade de códigos culturais (Mae, 2021: 208).

Deste modo, apoiado em autores que dialogam com minhas vivências, entendo que esta pesquisa demonstra sua relevância, pois o espaço do sensível assume importância na dinâmica de aprender e mostra-se como necessário em aulas de artes visuais.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA

A rotina de grande parte das instituições escolares é compreendida de forma rígida diante de currículos, objetivos pretendidos, datas, avaliações. Existem aspectos que lembram uma linha de produção no ensino, que retira do tempo da experiência o destaque devido. Diante do recorte da aula de Arte, algumas particularidades surgem. O estereótipo de ser um momento de fazer mais recreativo, sem claro compromisso com conhecimentos técnicos, a aula vista como atividade livre, vários adjetivos diminutos disfarçados por uma esfera de amabilidade.

Para que o educador consiga estabelecer em suas aulas um ambiente mais leve, e que respeite as particularidades dos alunos, um caminho possível é estruturar um modo de funcionar nesse sistema que não exclui o ambiente no qual está inserido, mas que inclui um espaço do sensível. Esse estado funciona como uma abertura, uma situação criada. Ele não é dado, a priori, nos moldes atuais escolares. É um espaço aberto e em constante criação, que possibilita um estado de encantamento.

Normalmente, experiências vividas fora do lugar comum cotidiano permitem esse deslumbramento, parte pelo caráter da novidade, parte pelo conjunto de características específicas do lugar. Pensando no museu, como exemplo, conforme Côtés (2021) aborda o trecho abaixo:

É certo que toda e qualquer experiência, dentro ou fora do museu, carrega seu potencial transformador. No entanto, o museu abarca, em sua definição, a potência que pode despertar novos olhares do espectador sobre si mesmo, sobre a complexa e diversificada experiência de se estar vivo. Assim, entendendo a experiência como um fenômeno ininterrupto da condição existencial, (como afirma Dewey em “*Art as an experience*”), o museu-lugar se configura como uma porta para conversão de experiências em práticas capazes de conectar alegorias estéticas e subjetividades de vivências individuais (Côtés, 2021: [n.p.]

O autor cita uma dessensibilização diárias das vivências e, durante a rotina escolar, os alunos experimentam também esse processo. Saem de suas salas em filas, retornam estando em cadeiras posicionadas com alinhamentos pré-definidos. Ingold (2015) descreve a formação de uma fila do “crocodilo”, que parece semelhante ao “trem” tradicional em muitas escolas brasileiras, e que serve para agilizar deslocamentos. Explica que o “caminho do crocodilo não é um modo de aprender; o aprendizado ocorre apenas no destino, onde o professor, mais uma vez, se posiciona na frente da sala para dirigir-se aos alunos”. Eis que surge um contraste:

Mas quando essas mesmas crianças – acompanhadas por um dos pais ou guardiões, amigos, ou sozinhas – vão da escola para casa e vice-versa, elas caminham de uma maneira bem diferente. Às vezes com pressa, às vezes tranquilamente, saltitando e se arrastando alternadamente, a atenção da criança é capturada – ou, na visão do adulto que a acompanha, distraída – por qualquer coisinha: da dança de luzes e sombras ao voo dos pássaros e latido dos cães, do perfume das flores a poças d’água e folhas caídas, inúmeras pequenezas como caramujos e coquinhos, moedas perdidas e lixinhos reveladores. São essas coisas que fazem da rua um lugar tão interessante para o pequeno detetive que caminha com os olhos fixos no chão (Ingold, 2015: 23).

Ao ler sobre pequenezas, é imediato lembrar de Manoel de Barros, uma referência importante na construção conceitual da minha pesquisa, desde quando ainda não era delimitada como um estudo, mas ainda como um desejo. Recordo de suas frases na poesia “O apanhador de desperdícios” (Barros, 2015), que destaca os detalhes, as coisas desimportantes, as insignificâncias, a grandeza do quintal.

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(Barros, 2015: 121)

Seria possível vivenciar a potência dessas experiências vividas em outros ambientes dentro da escola, mais precisamente em aulas de Arte? A aula-lugar de Arte, esse espaço, afinal. Acredito que sim, permitindo o sensível, para que percepções tenham lugar para existir e expandir, longe de movimentos que enrijecem, calcificando os indivíduos.

De acordo com Moraes (2021), nem sempre o processo de ensino-aprendizagem se materializa permeado pelas dimensões artísticas, subjetivas e sensíveis. Ele cita as limitações dos espaços educacionais e da formação dos professores, abordando que os professores necessitam estimular experiências para que o novo fazer educacional aconteça.

A sensibilidade é material fundamental no processo educacional e o tempo de ensino de arte não deveria aceitar se restringir a uma série de repetições sobre obras e artistas, oferta de materiais para desenhos que reproduzem padrões, reforço de práticas limitantes. Através do sensível o indivíduo percebe, participa e recria o mundo que habita. Quando destaca o quanto novas maneiras podem ser vividas por meio do sensível, com autonomia do indivíduo. Moraes (2021) cita também Amorim e Castanho (2008):

A sensibilidade e a estética não são apenas uma componente curricular da formação, mas uma maneira por meio da qual se pode chegar a outras esferas do humano não alcançadas pelo ensino. São provocadoras de sentimentos, na medida em que agem sobre os sentidos humanos, e, dessa maneira, portanto, seriam educadoras. Possibilitam ao sujeito conhecer as nuances das coisas cotidianas, por meio de sua própria experiência, incorporando os sentidos, fazendo da vida algo contextual, parte de si. Aprender o mundo, ingenuamente, por intermédio da ótica de outrem é o meio contra o qual uma educação que se pretenda estética luta, ao reivindicar que o sensível se faça janela por onde o indivíduo possa ver a si e ao mundo (Amorim; Castanho, 2008: 1180-1).

Ao ajustar o foco e desejo de viabilizar esse espaço em turmas de Educação Infantil, é basilar destacar que se assume também um olhar para o protagonismo infantil, de todos os indivíduos que compõem a turma. A criança que vive aquela oportunidade, produtora estética que pode, inclusive, ter escolhas diferentes do que a escola pode desejar. Todo esse processo inclui um desprendimento e abertura para o que será percebido e construído nesse contínuo estar-ser, com o outro e com a experiência que o inclui. A busca não é pelo resultado e, na verdade, não há busca. O que existe é um trajeto que, ao ser caminho, é rico em cada instante caminhado, em cada passo fruto de ação, mas também da percepção do que se é e de onde caminha. É uma dinâmica de troca, como um movimento espiral que inicia em um ponto, passa para outro, retorna e segue, com circulares diferentes. Como esclarece Duarte Junior (2000, p. 27):

Assim, não será demais insistir que a educação do sensível, antes de significar um desfile de obras de arte consagradas e de discussões históricas e técnicas perante os olhos e ouvidos dos educandos, deve se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vive, as ruas e praças pelas quais circula e os produtos que consome, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma, consoante levada no dia a dia. A educação do sensível é, sobretudo e primeiramente, a educação de nossos sentidos perante os estímulos mais corriqueiros e até comezinhos que a realidade do mundo moderno nos oferece em profusão – quantidade que, evidentemente, não significa qualidade (Duarte Jr., 2000: 27).

A palavra espaço funciona bem para o conceito ao imaginarmos que, diante dessa superfície calcificada, abre-se espaço em um esforço de permitir que flua o sensível, que exista a completude do indivíduo, parte essencial das aulas. Não excluindo aspectos do currículo, mas justamente transbordando no sensível, alcançando multiplicidade, aumentando a abrangência. Diante da sensibilização para si, o outro e todo tipo de existência do presente, existe um romper da desatenção cotidiana que, imersa em demandas, se desconecta dos afetos. Retornando para os escritos de Manoel de Barros, que participou da minha percepção inicial da demanda pelo que posteriormente entendi como a composição dessa pesquisa. Em um trecho de “O livro das Ignorâncias” (2016), diz:

As coisas não querem mais ser vistas
por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul -
Que nem uma criança que você olha de ave.
(Barros, 2016: 18).

Pelo sensível permitir o olhar, ouvir, cheirar, tatear. Mas sobretudo permitir que tudo seja livre para se fundir de acordo com o sentir. Caminhar com os alunos percebendo o mundo com a arte, em uma vivência mais plena, sensível às coisas nesse espaço de diálogo.

3 DESENVOLVIMENTO

A ludicidade dos poemas de Manoel de Barros é o ponto de partida para uma sequência didática de Educação Infantil, destinada às turmas de Pré 1 (4-5 anos). A proposta é desfrutar da curiosidade natural da idade aliada às novidades do ambiente da escola. Esse início de caminhada é uma oportunidade interessante para exercitar o espaço do sensível, com o desejo de que essa experiência seja prazerosa o suficiente para expandir para outros anos de escolaridade, claro que respeitando as adaptações necessárias.

Sendo assim, querido colega professor, meu objetivo é que através da construção a seguir você identifique em sua rotina maneiras viáveis que estejam conectadas ao cotidiano e perfil da sua turma para que esse espaço aconteça. A estruturação do que é considerado o espaço do sensível nesse trabalho acontece da seguinte maneira:

“Abrindo espaço”: Momento inicial para ambientar os alunos no tema que será desenvolvido. Uma apresentação acolhedora que demonstra esse início de espaço do sensível, desacelerando e conectando o diálogo.

“Conhecendo ambientes”: Pode acontecer em um ou mais encontros, com desdobramento da mesma atividade ou com atividades diferentes sobre o tema. É o momento no qual existe o desdobramento do assunto, a ampliação do olhar, exploração e descobertas variadas.

“Habitando o encantamento”: Funciona como um fechamento dos que foi abordado, mas é fundamental que seja um momento de clara vivência do que foi produzido, seja materialmente ou oralmente, durante todo o processo.

Na proposta que será apresentada o ponto de partida é a obra de Manoel de Barros e a escolha foi por apresentar o artista e alguns de seus poemas. Os poemas escolhidos foram “Bernardo” e “Um bem-te-vi”, por abordarem dois elementos bastante concretos e de fácil identificação com as crianças da Educação Infantil: árvores e pássaros. O resultado da organização está configurado conforme segue:

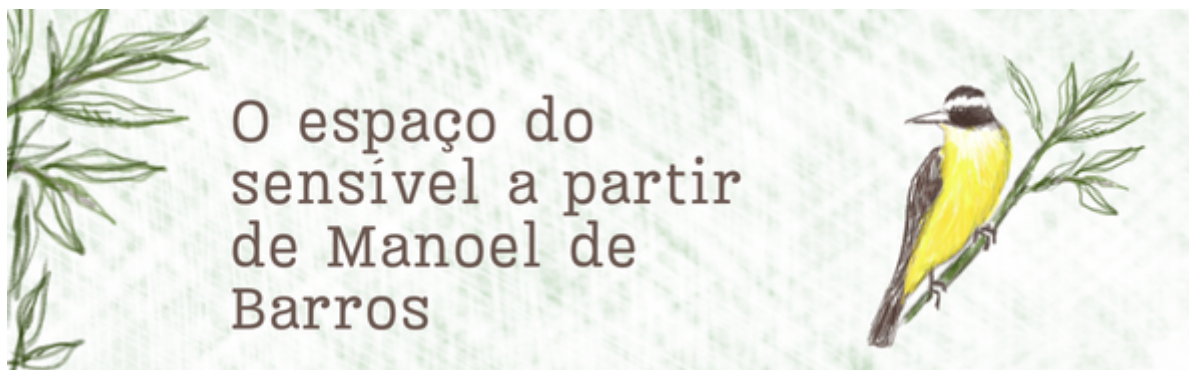
- Encontro 1: **Abrindo espaço**
Atividade/Abertura: Quem foi Manoel de Barros?

- Encontro 2: **Conhecendo ambientes**
Atividade/Ambiente: Bernardo.

- Encontro 3: **Conhecendo ambientes**
Atividade/Ambiente: Um bem-te-vi.

- Encontro 4: **Habitando o encantamento**
Atividade/Fechamento: Passeio.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA



PROPOSTA: O espaço do sensível a partir de Manoel de Barros

Objetivo geral:

- a) Possibilitar a abertura de um espaço do sensível na rotina das aulas de arte com alunos da Educação Infantil sobre o poeta Manoel de Barros.

Objetivos específicos:

- a) Explorar possibilidades estéticas a partir de uma experiência sensível na obra de Manoel de Barros.
- b) Desenvolver produções artísticas inspiradas na produção do poeta.

Duração: 3 encontros de 45 minutos e 1 encontro de 60 minutos.

ENCONTRO 1: Abrindo espaço

No encontro inicial, o destaque é começar a abrir o que consideramos o espaço do sensível. Exercitar a escuta e permanecer atento à troca com os alunos. Uma postura de abertura que estimula os alunos.

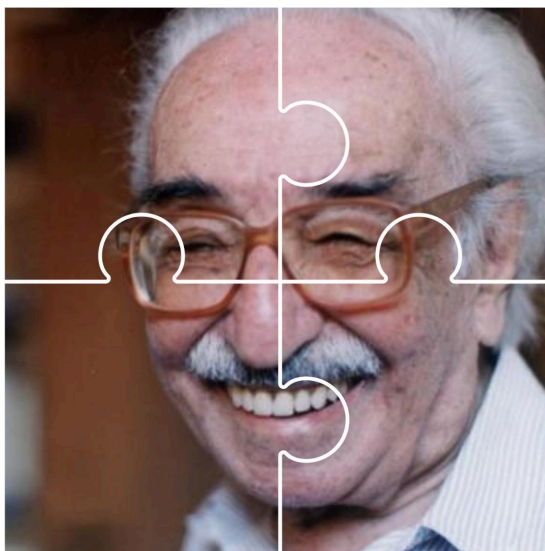
1. A indicação é realizar esse encontro em uma área aberta, preferencialmente com a presença da natureza, considerando as características do próprio artista.
2. A formação de uma roda com todos sentados no chão também auxilia, com o professor mantendo uma postura aberta que estimula a troca de ideias.

Atividade/Abertura: “Quem foi Manoel de Barros?”

1. Perguntar se alguém já ouviu falar sobre esse nome. Apresentar o artista com imagens fragmentadas que constroem fotografias suas, como um grande quebra-cabeça, para

despertar curiosidade através da descoberta. Dedicar alguns minutos para que todos observem e possam expor suas percepções.

Figura 1 - Quebra-cabeça com fotografia de Manoel de Barros



Fonte: elaboração própria, 2024.

2. Citar informações de sua vida, como local onde nasceu, preferências. Realizar a leitura de um trecho de “Autorretrato falado”:

Venho de um Cuiabá de garimpos e de ruelas entortadas.
Meu pai teve uma venda no Beco da Marinha, onde nasci.
Me criei no Pantanal de Corumbá entre bichos do chão,
aves, pessoas humildes, árvores e rios.
(Barros, 2011)

3. Conversar sobre o que é possível perceber sobre a vida dele, observando o texto.
4. Entregar folhas brancas formato A4, lápis de cor, giz de cera. Pedir para que desenhem elementos que acreditam fazer parte da vida dele, a partir do texto e do que surgir na imaginação, pelas referências. O uso de pranchetas pode ajudar no apoio das folhas, caso não existam mesas disponíveis ou o chão seja irregular.
5. Reunir os registros em um painel coletivo, com a fotografia de Manoel de Barros.

ENCONTRO 2: Conhecendo os ambientes

Nessa etapa é essencial que o clima de curiosidade seja destacado. As informações transmitidas são pequenas descobertas, construídas em conjunto. É o momento de conhecer melhor os “ambientes”, isto é, as temáticas incluídas no tema principal do espaço. Nessa proposta o tema principal é o poeta Manoel de Barros e dois poemas serão destacados. Revisitar o encontro anterior, lembrando o que foi descoberto sobre Manoel de Barros.

1. A indicação é realizar esse encontro em uma área que possua árvores, considerando a característica do poema que será apresentado. Caso não seja possível, pode ser realizada uma ambientação com fotografias impressas ou projetadas, criando um bosque imagético para os alunos.
2. Iniciar com a formação de uma roda com todos sentados no chão auxilia na conversa, com o professor mantendo uma postura aberta que estimula a troca de ideias.

Atividade/ambiente: “Bernardo”.

1. Realizar a leitura do poema “Bernardo”.

Bernardo já estava uma árvore quando
eu o conheci.
Passarinhos já construíam casa na palha
do seu chapéu.
Brisas carregavam borboletas para o seu paletó.
E os cachorros usavam fazer de poste as suas
pernas.
Quando estávamos todos acostumados com aquele
bernardo-árvore
ele bateu asas e avoou.
Virou passarinho.
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.
Sempre ele dizia que o seu maior sonho era
ser um arãquã para compor o amanhecer.
(Barros, 2011)

2. Apresentar a música “Bernardo” (2017), do Projeto Crianças¹.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTG_TLyFQEG>. Acesso em maio de 2025.

Figura 2 - Vídeo “Bernardo”, Projeto Crianceiras.



Fonte: Canal “Projeto Crianceiras”, YouTube. Acesso em maio de 2025.

3. Conversar com as crianças sobre as percepções que surgiram com a música. Quem foi Bernardo, suas características, o que aconteceu. Incluir um momento para tirar dúvidas e explicar algumas palavras específicas que ainda não saibam o significado.
4. Pedir que caminhem pelo espaço observando as árvores pois será nossa inspiração para a atividade a seguir.
5. Apresentar a obra da artista indígena Carmézia Emiliano destacando a representação das árvores na cena cotidiana da aldeia. Abordar que a natureza e, nesse caso especialmente as árvores, podem inspirar diferentes artistas, gerando obras de arte de linguagens diferentes, modos diversos. Explorar a percepção da cena, dos frutos e pessoas que podem ser identificadas na pintura.

Figura 3 – “Araras”, Carmézia Emiliano (2018)



Fonte: perfil pessoal da artista em rede social Instagram (@carmeziaemiliano), postado em 10 de agosto de 2022. Acesso em maio de 2025.

6. Entregar folhas de papel em formato A4 com diferentes cores, permitindo que escolham a que desejam utilizar, lápis de cor, giz de cera. Quais seriam as árvores que formariam um bosque da turma? Pedir para que desenhem árvores, existentes ou imaginadas. Podem nomear as árvores, de maneira criativa. O uso de pranchetas pode ajudar no apoio das folhas, caso não existam mesas disponíveis ou o chão seja irregular².
7. Recolher os registros para formar posteriormente a ambientação do encontro 3.

ENCONTRO 3: Conhecendo os ambientes

A curiosidade permanece em destaque. Revisitar o encontro anterior, lembrando “Bernardo” e as árvores.

1. A indicação é realizar a ambientação do espaço com os desenhos criados no encontro anterior, o bosque imagético dos alunos. Atenção para que sejam fixados de maneira compatível com a altura das crianças.
2. Iniciar com a formação de uma roda com todos sentados no chão auxilia na conversa, com o professor mantendo uma postura aberta que estimula a troca de ideias.

Atividade/ambiente: “Um bem-te-vi”.

1. Realizar a leitura do poema “Um bem-te-vi”.

O leve e macio
raio de sol
se põe no rio.
Faz arrebol...
Da árvore evola
amarelo, do alto
bem-te-vi-cartola
e, de um salto
pousa envergado
no bebedouro
a banhar seu louro
pelo enramado...
De arrepio, na cerca
já se abriu, e seca.
(Barros, 2011)

² A música pode permanecer tocando ao fundo durante a prática.

2. Apresentar a música “Um bem-te-vi” (2017), do Projeto Crianceiras³.

Figura 4 - Vídeo “Um bem-te-vi”, Projeto Crianceiras



Fonte: Canal “Projeto Crianceiras”, YouTube. Acesso em maio de 2025.

3. Conversar com as crianças sobre as percepções que surgiram com a música. O que é um bem-te-vi, suas características, o que aconteceu. Incluir um momento para tirar dúvidas e explicar algumas palavras específicas que ainda não saibam o significado.
4. Pedir que caminhem pelo espaço observando as árvores que formam o bosque da turma pois será nossa inspiração para a atividade a seguir.
5. Apresentar a obra “Os pássaros” (2023) do artista pernambucano J. Borges (José Francisco Borges), destacando a representação dos pássaros. Reforçar que a natureza e, nesse caso especialmente os pássaros, podem inspirar diferentes artistas, gerando obras de arte de linguagens diferentes, modos diversos. Explorar a percepção da cena, dos pássaros e movimentos que podem ser identificadas na pintura.

³ Disponível em <<https://youtu.be/u6ylAkCK7RU?si=MzPiTaaU3LEtn1KG>>. Acesso em maio de 2025.

Figura 5 – “Os pássaros”, J. Borges (2023)



Fonte: Nau Cultural (sítio virtual), [s.d.]⁴

6. Entregar folhas de papel com diferentes cores, permitindo que escolham a que desejam utilizar, lápis de cor, giz de cera. Ofertar materiais diversos que possam ser usados em colagens, adicionando texturas às criações (papéis diferentes, tecidos, fitas, barbantes, fios). Quais seriam os pássaros que passeiam pelo bosque que a turma criou? Podem nomear os pássaros, de maneira criativa também. Pedir para que desenhem pássaros, existentes ou imaginados. O uso de pranchetas pode ajudar no apoio das folhas, caso não existam mesas disponíveis ou o chão seja irregular⁵.
7. Fixar os pássaros na ambientação do bosque, definir juntamente com as crianças as posições desejadas.
8. Combinar a realização de um breve piquenique no próximo encontro. Organizar com os responsáveis e/ou escola o envio de frutas e suco.

ENCONTRO 4: Habitando o encantamento

No último encontro da proposta existe um cuidado com a vivência do resultado produzido pelos alunos. Revisitar os encontros anteriores, proporcionando um fechamento sobre o poeta Manoel de Barros, as poesias e obras de artistas visuais que foram apresentadas. A sugestão é que esse encontro seja um pouco maior, dentro da viabilidade escolar.

⁴ Disponível em: <<https://naucultural.com.br/loja/j-borges/xilogravura-m-ospassarosamarelo/>>. Acesso em maio de 2025.

⁵ A música pode permanecer tocando ao fundo durante a prática.

1. A indicação é realizar a atividade com a ambientação do espaço feita no encontro anterior, o bosque imagético dos alunos, com árvores e pássaros.
2. Iniciar com a formação de uma roda com todos sentados no chão auxilia na conversa, com o professor mantendo uma postura aberta que estimula a troca de ideias.

Atividade/Fechamento: “Passeio”

1. Conversar com as crianças sobre todos os encontros realizados, o que despertou atenção, momentos mais interessantes.
2. Lembrar que Manoel de Barros se encantava com as miudezas, observava detalhes, inventava com delicadeza. O poeta demonstrava desfrutar dos momentos, criativamente.
3. Abordar as obras apresentadas, de Carmélia Emiliano e J. Borges. Relacionar com o fazer artístico vivenciado nos encontros. Percebemos detalhes? Inventamos? Observamos?
4. Propor um passeio pelo bosque inventado pela turma. Caminhar pelas árvores, animais. Um fundo musical de natureza contribui para a experiência e pode ser utilizado.
5. Sentar-se com as crianças e realizar um breve piquenique, brincando de aproveitar as sombras das árvores. Estimular a criatividade citando acontecimentos lúdico, como: “Sentiram o vento que passou agora entre as folhas?”, “Olhem! Uma revoada de passarinhos bem ali!”.
6. Disponibilizar material de desenho para que acrescentem novos detalhes ao bosque: frutas, flores, insetos, plantas. A ideia é que vivenciem o bosque e tenham liberdade para seguir observando mais detalhes, registrando mais desenhos, somando mais camadas.
7. Finalizar com uma breve conversa para troca de impressões finais.
8. Organização de uma produção estética da turma, reunindo os registros visuais das crianças compondo um livro com o que foi vivenciado durante os encontros.

4 CONCLUSÃO

A existência de um espaço do sensível oferece uma chance preciosa para que as aulas de Arte sejam mais conectadas com os alunos e suas vivências, além dos conteúdos específicos que serão trabalhados. Em uma dinâmica escolar que muitas vezes acontece com uma corrida contra o relógio, além dos diferentes desafios do processo educacional, decidir abrir esse espaço é um primeiro passo imprescindível para que todos experimentem momentos mais efetivos. Ao permitir tempo para a percepção existe um caminho muito positivo. Todos entram em contato com saberes variados, que incluem conhecimentos registrados dentro da ideia de conteúdo de Arte. Significa estar, afinal, nesse espaço do sensível.

A elaboração de uma sequência para esse processo auxilia na compreensão do que seria a construção desse espaço, apresentando-se como uma rica possibilidade que abriga possíveis ajustes do professor ao identificar demandas específicas de seus alunos. Sobretudo, perceber o acolhimento inicial, o fluxo de descobertas, o fechamento que permite observações e contínuo aprendizado.

Toda essa pesquisa, que começou em uma inquietação interna, extravasou o que seria particular e hoje apresenta-se como algo concreto que demonstra possuir ainda um vasto terreno de estudo para ampliar o que já demonstrou possuir valor. Volto a uma poesia de Manoel de Barros, que diz

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(Barros, 1998)

Que o espaço do sensível contribua para que, na rotina de aprender e ensinar, nós professores, permaneçamos sendo “outros” e permitindo que os alunos “outros” sejam. Curiosos, ricos, ampliados, sensíveis, disponíveis.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. **Por uma educação estética na formação universitária de docentes**. Educação & Sociedade [online], São Paulo, v. 29, nº 105, p. 1.167-1.184, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte na Pedagogia**. 201 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 200-209, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte> Acesso em: 10 set. 2024.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, Manoel de. **Retrato Do Artista Quando Coisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CÔRTEZ, Frederico Lopes de Oliveira. **Uma visita a museus como ponto de vulnerabilidade do sensível. 2021**. Disponível em: <https://maob.artebodoque.com/2021/03/31/artigo-a-visita-a-museus-como-ponto-de-vulnerabilidade-do-sensivel/>. Acesso em: 10 set. 2024.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**. A educação (do) sensível. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/197855> Acesso em: 10 set. 2024.
- GALEFFI, Dante Augusto. **Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente**. Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2603/2341>. Acesso em: 10 set. 2024.
- INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9Wzds559wBv/?format=pdf>. Acesso em: 14 set. 2024.
- MORAIS, Tiago Anderson. **Arte, subjetividade e formação sensível: reflexões sobre a educação na contemporaneidade**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 14, 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/14/arte-subjetividade-e-formacao-sensivel-reflexoes-sobre-a-educacao-na-contemporaneidade> Acesso em: 10 set. 2024.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos Criativos**. Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1977
- OSTROWER, Fayga. **A sensibilidade do intelecto: visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

SALOMÉ, Josélia Schwanka; MENDES, Maria Cristina. A percepção do sensível e o ensino da arte na contemporaneidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 368–388, 2020. DOI: 10.5965/198431781632020368. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15350>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTOS, J. A educação da sensibilidade e o ensino de artes. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 23, n. 243, p. 85-97, 6 mar. 2024. Acesso em: 10 set. 2024.